

JULIÃO SARMENTO

EXPOSIÇÃO

DIREÇÃO DO PROJETO

Nasceu em 1948 e vive e trabalha em Lisboa. Com um percurso artístico iniciado no final da década de sessenta, tendo estudado Pintura e Arquitectura na ESBAL, a sua obra engloba uma enorme variedade de meios — a pintura, escultura, fotografia, filme, vídeo e instalação. Expôs individualmente em inúmeros museus em Portugal e no estrangeiro, nomeadamente no MNCARS/Palácio Velazquez (Madrid), Hirshorn Museum and Sculpture Garden (Washington DC), Museu de Serralves (Porto), Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian (Lisboa), Estação Pinacoteca / Pinacoteca do

Estado de S. Paulo (S. Paulo), Van Abbe Museum (Eindhoven), entre muitos outros. As suas obras encontram-se em coleções públicas e privadas em todo o mundo. Foi o artista representante de Portugal na Bienal de Veneza em 1997, e participou nas documenta 7 (1982) e 8 (1987) e na Bienal de São Paulo de 2002.

Galeria Municipal
de Matosinhos

22 julho - 15 outubro 2016

Coordenação
Clarisse Castro
Maria José Rodrigues

Organização
Fátima Machado

Serviços Educativos
Ana Paula Costa
Fernanda Pinho
Rute Alves

Colaboração
Bárbara Araújo
Luís Soares
Alice Almeida

Montagem
José António Moreira
José Joaquim da Silva
Fernando Vieira

Textos
Guilherme Pinto
Fernando Rocha
Miguel von Hafe Pérez

Design
R2

Julião Sarmento
é representado em Portugal
pelas galerias Cristina
Guerra Contemporary Art
(Lisboa) e Galeria Pedro
Oliveira (Porto).

Presidente C.M. Matosinhos
Guilherme Pinto

**Vereador da Cultura C.M.
Matosinhos**
Fernando Rocha

Curadoria
Miguel von Hafe Pérez

22 JULHO - 15 OUTUBRO 2016
GALERIA DA CÂMARA MUNICIPAL DE MATOSINHOS
CURADORIA: MIGUEL VON HAFE PÉREZ

NO FIO DA RESPIRAÇÃO JULIÃO SARMENTO

Este ano, e se a memória não me falha, tinham sido inauguradas apenas duas exposições dedicadas à obra de Julião Sarmento. Aconteceu em Paris e em Zagreb. No mês passado, em Madrid, o artista português criou ainda uma exposição-instalação que junta numa única peça 29 obras de arte contemporânea de artistas tão importantes como Edgar Degas, Juan Muñoz ou Gehrard Richter. Agora abre-se em Matosinhos esta exposição e não é por acaso.

No fio da respiração é uma exposição de Julião Sarmento contida no número de obras — vinte e seis —, e abrangente cronologicamente (num arco temporal que vai de 1966 a 2011), apresentando pintura, desenho e escultura.

No espaço da Galeria Municipal de Matosinhos o espectador tem a oportunidade de contemplar um percurso centrado nas múltiplas manifestações interrogantes do corpo enquanto imagem desviante de conceitos associados ao desejo e à morte, motivos centrais na construção imagética deste autor.

Apresentando dois desenhos e uma colagem de 1966 (dois deles nunca antes mostrados), a exposição ancora-se no corpo (da mulher) como sismógrafo de uma complexa teia iconográfica que referencia elementos da cultura contemporânea, nomeadamente a moderna tradição literária e cinematográfica e sedimentos de uma tradução ambivalente do quotidiano vivido, imaginado ou sublimado.

O sexo, o *voyeurismo*, o fetichismo ainda que centrais na obra deste artista não esgotam a sua prolixa desconstrução da realidade em sedimentos de confrontação direta com a perplexidade do espectador, obrigado a assimilar narrativas propositadamente incompletas, fragmentadas e desconexas: a tensão entre o êxtase e o sofrimento,

Li há bem pouco tempo uma frase que procurava resumir a essência do gesto artístico de Julião Sarmento (e que, na verdade, pode bem sintetizar toda a grande arte): “Um signo que está presente em todas as partes e que, de forma inconsciente, liga o presente às grandes preocupações universais de todos os tempos. A máscara, o rosto, a magia e a morte”.

Ao acolher uma exposição de Julião Sarmento, a programação da Capital da Cultura do Eixo Atlântico ganha, deste modo, uma nova dimensão. Não se trata apenas de mais um evento que valoriza de modo significativo o conjunto das iniciativas que preparámos, mas que garante, outrossim, uma conexão direta entre o ano excecional que Matosinhos está a viver e os valores e as inquietações fundamentais da arte e da espécie.

Graças a uma programação cuidada e criteriosa, a Galeria Municipal de Matosinhos transformou-se, no período de uma década, num espaço de referência para a arte contemporânea portuguesa. Podemos assim, e com toda a naturalidade, acolher também a obra daquele que é hoje um dos mais importantes artistas portugueses de sempre, ainda recentemente considerado pelo jornal espanhol *El País* como “um artista essencial na cena contemporânea” internacional. A nossa galeria é também a casa dele.

o júbilo e a dor, a ameaça e o convite, impregna-se como imagem segunda que permanece em reverberações inesperadas com as vivências individuais.

No fio da respiração: ainda que isolados, estes corpos sem rosto pressupõem a presença de um *outro* — agente, testemunha, cúmplice ou espectador involuntário. Um ouvinte com o olhar. Porque o olhar que estas obras reclamam materializa-se no peso de sons, diálogos por vir, contactos, peles que se mordem, enroscam, perfuram.

O abismo da ameaça contraria-se na graciosidade das poses, a transcendência das ações anula-se na banalidade da repetição. A tensão entre aquilo que se vê e aquilo que se apreende do antes e do depois constitui um salto sem retorno no caldo de memórias culturais e individuais.

Intensa viagem contra a solidão, dir-se-ia. A vida intensificada enquanto morte adiada. Eros e Tanatos, civilizacionalmente erigindo todas as perguntas do mundo. O artista, como manipulador sábio de um jogo de cartas, vai fazendo *bluff* acrescentando-lhe outras questões: no limite do medo, da ilusão, da percepção desviante, da euforia contida e do convite para a espiral do indizível e do indiscernível, tal como o fundo indistinto em grande parte das pinturas agora apresentadas: *no fio da respiração*.

Para ser uma cidade vibrante e criativa, Matosinhos necessita que a arte e a cultura circulem no fio do ar que se respira na cidade. Por isso recebemos esta exposição e também por isso teremos ainda este ano um monumento criado por Julião Sarmento para celebrar os valores universais do liberalismo e os irmãos Passos, os quais, nascidos em Matosinhos, foram dois dos mais inquebrantáveis e defensores das liberdades, do progresso e da justiça.

LISTA DE OBRAS

(e porém ...) Carnaby, 1966
Colagem, tinta da china, café e *ecoline* sobre papel
32,4 × 25 cm
Col. SILD, Estoril

Untitled, 1966
Esferográfica sobre papel
28,7 × 22 cm
Col. do artista

Untitled, 1966
Esferográfica sobre papel
28,7 × 22 cm
Col. do artista

Untitled, 1981
Acrílico sobre papel
108 × 150 cm
Col. do artista

Untitled, 1981
Acrílico sobre papel
110 × 147 cm
Col. do artista

Noites Brancas, 1982
Técnica mista e colagem sobre papel
162 × 133 cm
Col. SILD, Estoril

Untitled, 1986
Técnica mista e colagem sobre papel
70 × 50 cm
Col. SILD, Estoril

Encore 5, 1990
Têmpera acrílica sobre papel e sobre fotografia p/b
56 × 78 cm
Col. do artista

Encore 9, 1990
Têmpera acrílica sobre papel e sobre fotografia p/b
56 × 78 cm
Col. do artista

Encore 11, 1990
Têmpera acrílica sobre papel e sobre fotografia p/b
56 × 78 cm
Col. do artista

Febre (7), 1995
Técnica mista sobre tela
58 × 74 cm
Col. Paulo Ferreira dos Santos, Porto

Still (12), 1997
Técnica mista sobre tela
50,5 × 65,5 cm
Col. Maria José Fazenda, Lisboa

Carpe Diem (16), 1998
Técnica mista sobre tela
105 × 78 cm
Col. SILD, Estoril

Alma (4), 1998
Técnica mista sobre tela
98 × 71 cm
Col. Rui Ferreira Botelho, Porto

Carpe Diem (12), 1998
Resina e fibra de vidro, tecido e madeira
165 × 200 × 200 cm
Col. SILD, Estoril

Veneno (6), 1998
Resina e fibra de vidro, tecido e madeira
165 × 200 × 200 cm
Col. Armando Cabral, Lisboa

A Human Form In A Deathly Mould, 1999
Resina e fibra de vidro, tecido, corda
ca. 146,5 × 44 × 34 cm (dimensões variáveis)
Col. SILD, Estoril

At Least Momentarily Suspended, 1999
Técnica mista sobre tela
192 × 192 cm
Col. Manuel Ferrão, Aveiro

Sympathy For Human Weakness, 1999
Técnica mista sobre tela
150 × 100 cm
Col. P.O.P., Mouquim

Silent Life (2), 2001
Técnica mista sobre tela
46 × 46 cm
Col. particular, Lisboa

Expansion Set Moving, 2001
Técnica mista sobre tela
100 × 120 cm
Col. P.O.P., Mouquim

What Makes A Writer Great (about), 2001
Esmalte aquoso, acrílico, colagem e grafite sobre papel
152,5 × 122 cm
Col. do artista

What Makes A Writer Great (if you want), 2001
Esmalte aquoso, acrílico, colagem e grafite sobre papel
152,5 × 122 cm
Col. do artista

Parasite (residues of the narrative structure), 2003
Técnica mista sobre tela
168 × 196 cm
Col. do artista

Heal Me, 2005
Técnica mista sobre tela
86 × 90 cm
Col. Fernando Almeida, Lisboa

Tempo, 2011
Técnica mista sobre tela
100 × 80 cm
Col. Marta Torres, Lisboa